

Negócios com títulos da dívida ^{externa} atingem quase US\$ 400 milhões

Nilton Horita

SÃO PAULO — Os títulos das linhas de curto prazo da dívida externa brasileira (projetos 3 e 4, que somam cerca de US\$ 15 bilhões) também começam a ser negociados no mercado secundário entre bancos credores, empresas multinacionais e nacionais. Esse mercado foi criado no final do ano passado e o volume de negócios até agora atingiu aproximadamente US\$ 400 milhões, de acordo com um dos mais ativos intermediadores desse tipo de operação, o representante no Brasil do banco inglês Standard Chartered Merchant Bank, Igor Cornelsen.

Entre os interessados em títulos dos projetos 3 e 4 estão os próprios bancos credores e empresas multinacionais e nacionais. Os bancos compram os títulos de curto prazo para manterem a posição da carteira de ativos brasileira ao mesmo tempo que vendem os papéis dos projetos 1 e 2. “As linhas de longo prazo dos projetos 1 e 2 não abrem a possibilidade de negócios com os clientes, o que não acontece no caso do curto prazo. A razão de nos instalarmos no Brasil é estarmos próximos dos clientes multinacionais, acompanhando-os pelo mundo inteiro, nos países onde estiverem, para fazermos negócios”, explica Cornelsen.

“Assim, alguns bancos começaram a vender os títulos de longo prazo e adquiriram projetos 3 e 4”, afirma Cornelsen. O tipo de negócio mais comum é a utilização dessas linhas de curto prazo para financiar o comércio internacional, a partir do Brasil, das empresas multinacionais. As próprias empresas, aliás, começaram a se interessar por aderir a um direito sobre o projeto 3 para se utilizar de uma linha própria de financiamento de seus negócios. O grande atrativo do negócio, a exemplo do processo de conversão da dívida, é o deságio de papel negociado no mercado secundário.

Deságio — Um título do projeto 3 (comercial) custa hoje no mercado secundário cerca de 80% de seu valor de face, enquanto o projeto 4 é vendido por até 75% do preço real. Para efetivar o negócio, as empresas solicitam a intermediação de um banco estrangeiro, que se encarrega de carregar os títulos adquiridos de uma terceira instituição em sua própria carteira. Como se a dívida passasse a ser sua, mas, na verdade, ela é administrada e utilizada pela empresa compradora.

“As vantagens são óbvias”, afirma Cornelsen. “Os bancos estrangeiros que vendem projetos 3 e 4 reduzem seus ativos do Brasil e as companhias podem

receber uma linha de financiamento para seu comércio exterior com desconto de até 20%. Além disso, as empresas passam a ter suas próprias linhas, sem necessitar mais de negociações taxas, prazos e crédito com os bancos comerciais”.

O Brasil, na avaliação de Cornelsen, se favorece pela redução do endividamento externo bancário. “Essa redução não aparece efetivamente nas estatísticas, mas o valor da dívida bancária vai caindo de fato”, diz Cornelsen. Essa linha transferida para a empresa nacional recebe a garantia de um banco estrangeiro e a multinacional, da própria matriz. A responsabilidade sobre os compromissos passam a ser, naturalmente, do cliente investidor internacional no Brasil.

“Esse não é um mercado tão transparente como o mercado de conversão”, afirma Cornelsen. “Até agora os volumes não são grandes, mas o crescimento das exportações brasileiras dá potencial de preço a esse mercado. Todos sabem que não há mais linhas novas de crédito ao Brasil, e o financiamento do comércio internacional deverá ser mais demandado conforme a evolução das exportações, e enquanto essa dívida for vista como um problema, os bancos continuarão vendendo seus títulos”.